



UFRGS forma agentes rurais no interior

Ensino a distância
Plageder se consolida ao investir em pessoas atuantes na realidade local

Jacira Cabral da Silveira colaborou Pedro Cassel

O tom bronzado da pele de Rômulo não é do surfe de final de semana, mas da lida no campo nas terras da família. Ele mora com os pais no município de São Francisco de Paula, Região dos Campos de Cima da Serra, de onde não pretende sair. Mas, assim como os irmãos mais velhos, queria estudar e qualificar-se profissionalmente. Em 2007, surgiu a oportunidade de concorrer a uma das 600 vagas do curso especial de graduação tecnológica a distância em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (Plageder), oferecido pela UFRGS em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a prefeitura local.

Entre um chimarrão e outro, Rômulo discute com o professor e os colegas conceitos como mobilidade social e estratificação. Aos poucos, vai entendendo a própria realidade abordada na disciplina *Organização social e movimentos sociais rurais*, ministrada pelo sociólogo Ivaldo Gehlen, um dos 30 docentes que participam da primeira edição do Plageder. Essa é a segunda e última aula presencial da disciplina. Um pouco antes das 19h, horário de início das atividades, Ivaldo prepara, com a tutora a distância Raquel Lunardi, o material a ser usado pelos alunos nas três horas seguintes.

Pelo envolvimento e pela forma apurada com que os alunos respondem às provocações do professor, é difícil imaginar que se trate de uma turma de ensino a distância. Até as 22h, Ivaldo revisa os conceitos estudados nos últimos dois meses de duração da disciplina. Além dos 28 alunos, o tutor presencial César Gomes participa da aula. Todas as terças-feiras ele atende grupos ou alunos individualmente para esclarecimentos sobre o conteúdo da disciplina. Embora tenha experiência em docência superior em diferentes instituições, assim como Ivaldo e a maioria dos professores do Plageder, César é novato no campo do ensino a distância. Mas já aprendeu as peculiaridades dessa modalidade e também sua pertinência social e suas exigências pedagógicas: “O aluno precisa ter disciplina e autonomia!”, resume.

Histórico – Diferente de outros cursos que geram programas de pós-graduação depois de um tempo de maturação, o Plageder teve caminho inverso: nasceu dentro do Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR). Embora ligado à Faculdade de Ciências Econômicas, o programa é multidisciplinar, reunindo professores da Agronomia, Sociologia, Geografia e Enfermagem. Outra particularidade é sua vocação para a produção de trabalhos focados na realidade rural, o que acaba gerando um grande número de pesquisas por conta da inserção dos alunos no campo.

Lovois Miguel é o coordenador do Plageder e participou de todo o processo que antecedeu sua criação. “Percebemos que faltava um profissional lá mesmo no campo para agir em prol do desenvolvimento onde ele ocorre. O chamado agente para o desenvolvimento rural.” Até então, o PGDR supria o mercado dentro de uma perspectiva mais elitista, pois só formava pós-graduados na área.

Essa lacuna ficou mais evidente durante um encontro de capacitação para vereadores e conselheiros municipais em 2001. Excetuando um representante da Emater, os demais não tinham noção de como fazer projetos de desenvolvimento rural. Por isso, os pesquisadores do programa idealizaram um curso de graduação para suprir essa deman-

O MEC já aprovou a segunda edição do programa para 2009 com poucas alterações em termos de oferta

da cada vez maior. “Mas naquela época não existiam recursos”, justifica o coordenador.

A oportunidade surgiria em 2006, por meio de edital lançado pela recém-criada Universidade Aberta do Brasil (UAB) cujo objetivo é apoiar novos cursos de graduação, tecnológicos e de especialização. Entretanto, essa opção resultava em novo desafio: “Só sabíamos dar aula presencial”, explica Lovois. Essa barreira teve de ser transposta, pois o ensino a distância (EaD) aos poucos se revelou condição fundamental para o sucesso do Plageder em função das características de seu foco e do profissional a ser habilitado. “Queríamos formar pessoas que estivessem inseridas naquela realidade para atuarem localmente.”



JACIRA CABRAL DA SILVEIRA/ESPECIAL JU

Perspectivas – O ensino a distância revelou-se vantajoso também para os municípios, uma vez que estes não corriam risco de perder seus cidadãos para as universidades de outras localidades ou mesmo da capital. Hoje, existe a certeza de que a modalidade presencial não permite a inserção e a repercussão social possíveis no formato a distância. O MEC já aprovou a segunda edição do Plageder para o início de 2009, com poucas alterações em termos de oferta: sai o polo de Hulha Negra, pela baixa aceitação, e entram os de Cachoeira do Sul e Três de Maio. Os demais são Arroio dos Ratos, Balneário Pínhall, Constantina, Santo Antônio da Patrulha, São Lourenço do Sul, Três Passos, Camargo, Itaquí, Picada Café e São Francisco de Paula.

De acordo com Lovois, está em negociação com o Ministério a possibilidade de transformar o Plageder no primeiro curso a distância permanente da Universidade. “Talvez esse seja o início de um processo de abertura da Universidade para o interior do Rio Grande do Sul.”

Para o secretário de Educação a Distância da UFRGS, Sérgio Franco, o Plageder é emblemático pelo tipo de formação que promove e também pelo fato de desbancar dois preconceitos: o de que educação a distância não possa ser feita com seriedade e qualidade, e o de que o ensino tecnológico tenha menor valor que o superior. Favorável à transformação do curso em atividade permanente, o secretário diz que a tramitação ainda está no início, mas com perspectivas de dar certo.

Aluno a 700 km

A coordenação do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (Plageder) realizou, em novembro de 2008, na Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, um encontro de avaliação, reunindo coordenadores, tutores presenciais e representação discente dos 12 polos de educação a distância do Plageder. Também participaram da reunião o secretário de Educação a Distância da UFRGS, Sérgio Franco, que apresentou as políticas do setor ao grupo, e o coordenador da Universidade Aberta do Brasil na UFRGS, Luis Alberto Segovia, que falou a respeito das perspectivas do projeto nacional.

Na opinião de Lovois Miguel, coordenador do curso, o Plageder teve como primeiro aspecto positivo o estreito vínculo com o mercado de trabalho, uma vez que, durante o curso, os estudantes entram em contato com diferentes instâncias da administração e do mercado agrícola local para desenvolver seus trabalhos de aula, o que os tornou conhecidos e valorados localmente. O segundo aspecto foi a transformação dos professores quanto a questões pedagógicas, sua forma de preparar os conteúdos e se relacionar com os alunos. Por fim, o curso revelou-se uma oportunidade única de experiência em ensino a distância para os alunos do PGDR, pois ainda não existe habilitação de professores nessa modalidade.

Lovois também destacou deficiências que precisam atenção. Uma delas é a dificuldade de os professores assumirem o ensino a distância, seja por formação ou razões pessoais. Outro problema, de caráter administrativo, é a falta de estrutura para lidar com alunos a 700 km de Porto Alegre. “A UFRGS foi concebida como uma universidade para atuar exclusivamente no ensino presencial, do ponto de vista administrativo e funcional – isso ficou evidente nas exigências burocráticas impróprias com os alunos do Plageder”, avalia Lovois. Por outro lado, Eliane Sanguine e Tânia Cruz, coordenadoras operacional e de sistema, respectivamente, salientam a ótima relação da estrutura em Porto Alegre com os alunos nos polos: “É um Serviço de Orientação Educacional universitário”, brinca Tânia, referindo-se ao acompanhamento do Plageder, que permite “que conheçamos cada um de nossos alunos”.

Uma universidade em polos

Ao criar a Universidade Aberta do Brasil (UAB), o Ministério da Educação pretendia descentralizar e interiorizar o ensino superior em polos que pudessem cobrir regionalmente as demandas nos diferentes estados. Para que o Plageder fosse possível, a UFRGS firmou acordo com o MEC, através da UAB, e com cada uma das prefeituras dos municípios em que estão instalados 12 dos 36 polos do Ministério existentes no Rio Grande do Sul.

“A gente percebe a seriedade da educação oferecida conforme a estrutura do lugar”, avalia a coordenadora pedagógica do polo de São Francisco de Paula, Sílvia Fátima Saldanha Pereira. Para que um polo entre em funcionamento, há uma série de exigências estruturais e administrativas: secretaria acadêmica, sala de professores e de reuniões, espaço para as videoconferências, salas para as aulas presenciais, laboratório de informática, biblioteca.

Funcionalmente, é necessário um coordenador geral, um secretário, um bibliotecário e técnicos. Cada curso exige ainda outros atores nesse processo bastante particular de ensino a distância: são os tutores presenciais e os a distância. Estes atuam junto às univer-

sidades e aos professores de cada disciplina, aqueles trabalham direto com os estudantes nos polos. São Francisco de Paula é um dos polos com melhor estrutura, pois, além do prédio próprio, inovou com a contratação de uma coordenadora pedagógica – figura que não é prevista nos requisitos do MEC.

Maria Lúcia Teixeira é a coordenadora geral em São Francisco de Paula e participou da primeira reunião de capacitação da UAB, em Brasília, em 2007. “Havia uma expectativa muito grande, porque o projeto estava iniciando e seria uma construção coletiva, como realmente está acontecendo. Com a implantação dos polos, começamos a aprender como realmente é o ensino a distância, porque éramos todos novatos nesse projeto e processo.”

Atualmente, o polo coordenado por Maria Lúcia tem cerca de 300 alunos e oferece, além do Plageder, os cursos de Pedagogia, pela UFPel, e o de Administração, pela UFSC. Na avaliação de César Gomes, tutor presencial do Plageder no mesmo município, para a maioria dos alunos essa é uma oportunidade única de fazer um curso superior.